

Ella Translúcida

Nuanças da mulher genuína

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Projeto e monografia de graduação
em Comunicação Visual Design

por **Gabriella da Rocha**
orientação de **Leonardo Ventapane**

2019.1

*“É uma espécie de budismo
dos lobos. O que é um é dois.
O que é dois forma três.
O que vive morrerá.
O que morre viverá.”*

Clarissa Pinkola Estés

Dedico este ensaio às mulheres que vieram antes de mim por existirem e persistirem. Em especial, as minhas falecidas matriarcas: Yara e Kátya.

Agradecimentos

Mãe-loba, Márcia Rocha, que com seu exemplo, ensinou-me a ter fé, a confiar tudo à intuição e brilhantemente construiu a mais forte rede de mulheres a que pertenço. Irmãs, Isabella e Rafaella, que protegem minhas ambições com rigor e benevolência. A bruxa e tia, Karen Rocha, que manteve sempre minha cabeça erguida.

Meu mestre, Daisaku Ikeda, que me trouxe o olhar humanista sobre todas as coisas, especialmente, sobre mim mesma.

Bruna Puccini e Carolina Avena que comprovam junto a mim um companheirismo maior do que toda diferença ou época.

Isabela Queiroz, Bruna Barros e a matilha de verdadeiras joshibus, amigas, amantes e veteranas. Minha grande inspiração.

Sumário

Agradecimentos

Resumo

Método

Resultados esperados

Quem é Ella? O recorte de gênero

Pintor chamado "mente" influências do budismo

Genuíno pictórico aproximação pelo afastamento

Os arautos da psique os pigmentos nigredo, rubedo e albedo

Expirar o vazio como *persona*

Infinito presente translúcido o suporte comunica

Uma é história a fragilidade quando só

Teia cósmica somando todas

Considerações finais

Referências bibliográficas

Resumo

Meu trabalho é sobre a mulher genuína, aquela que nem sempre sabemos enxergar ou manifestar. Diferente da musa posada, nua, objetificada, usada pela história da arte; falo daquela que se manifesta quando ninguém está olhando, no mundo real, seus pensamentos e ações. Aquela que faz careta, que brinca, que se estressa, que ama, que é sincera em seu olhar. Aquela que é única e que com suas individuais características, compoem o todo do que é verdadeiramente ser mulher.

Trabalho com a translucidez do papel vegetal, com traços sinuosos e simplificados em forma e cor. Disponho desenhos sequenciais em sobreposições, pois em um único instante somos muitas revelações. Transponho a barreira do dito "lúcido", "são", ou "correto" impostos pela sociedade. Tudo o que existe é verdadeiro e merece atenção - pesquiso essas aparições pouco contempladas.

Dr. Daisaku Ikeda, meu mestre da vida, pacifista, líder budista, poeta laureado, que prega a dignidade da vida, da forma em que se apresenta, sobre todas as coisas,

predisse que “o século XXI é o século das mulheres”. Ele traz a influência da filosofia budista que permeia todo o estudo.

Simone de Beauvoir, escritora e renomada influência do feminismo, junto a analista junguiana e contadora de histórias, Clarissa Pinkola Estés, representam em sua literatura o pensamento sobre a mulher que resgatou em mim o prazer de existir, de me expressar, e de empoderar outras mulheres para o mesmo caminho.

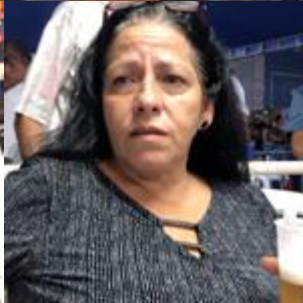
Os artistas Mira Schendell e Willian Kentridge, trazem questionamento e encorajamento a produção em transparência, a sobreposição, a imagem sequencial, o experimentalismo e o valor do processo em meio a tantas possibilidades.

Este é um exercício à valorização das pequenas nuances de diversas mulheres e toda a beleza que ali se pode encontrar. Se a mente cria o mundo objetivo, como elucidada o budismo e a psicologia moderna, aqui, procuramos a criatura que o elabora, o transforma e o vive.

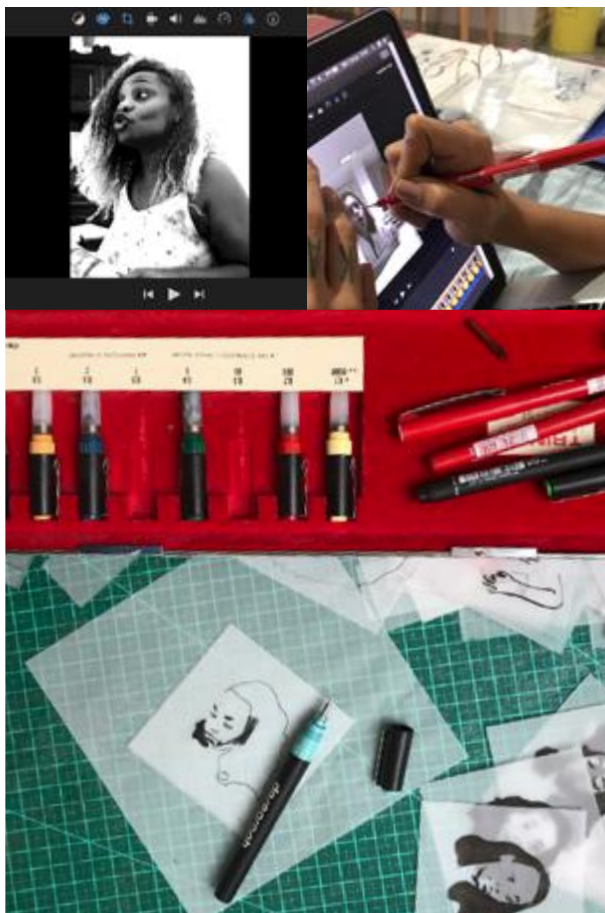
Método

Sem linearidade, tal qual o projeto em si, o método utilizado consiste em um longo processo de idas e vindas. Uma produção intuitiva e experimental que abriu novos caminhos em diversas etapas. Cada texto lido foi um novo tempero que aguçou outro ponto. Cada mulher retratada maturou nova troca e sentimento. Cada ilustração finalizada, abriu espaço para outras indagações e possibilidades.

Por fim, podemos resumir o método final (ou mais próximo dele) ao seguinte ciclo: primeiro, fotografar ou filmar mulheres espontaneamente, com consentimento da mesma, mas sem permitir uma preparação para o registro tanto no que diz respeito a pose, maquiagem ou vestuário, quanto ao cenário e iluminação. Elas sempre foram flagradas enquanto viviam seus próprios momentos, sem que a câmera (discreta ou escondida) pudesse interferir.



Escolhidos os frames sequenciais, trabalhei digitalmente cada uma reduzindo as cores para o mínimo da gestalt, exagerando no contraste e sombra. Traço suas sombras em telas de papel vegetal de 8x8 centímetros, pintando então, com nanquim preto ou vermelho, aqueles que me pareciam mais expressivos e essenciais a composição.





Distanciando-me etapa a etapa, da mulher original, sobrepus as imagens como formando a melodia de uma história não explicitada. Um minuto de gravação transforma-se em 16 frames ou 1024cm² de papel.

O estágio desfecho foi digitalizar as 256 ilustrações, ajustá-las para passar por sublimação para tecido *Voil* 100% sintético, recortá-lo em 8x8cm e confeccionar 16 brochuras, de 16 frames, de 16 mulheres. Em paralelo, sobrepos as 256 imagens em papel vegetal, unidas pela vazia lacuna de tempo e espaço que as conecta, em uma única composição de sobreposições sequenciais, dentro de 4 duplas de acrílico 80x80cm que lado a lado formam uma grande imagem de 160x160cm.



Este é só o começo.

Resultados esperados

Desejo estimular o questionamento da série de movimentos e justaposições; a curiosidade sobre quem são essas figuras anônimas, de onde vem e porque fazem o que fazem. Acredito que cada mente será intuída a preencher essas lacunas. Em uma história sem narrativa direta, sem início, meio, fim ou hierarquia, do que se trata aquela imagem? Cabe a cada uma responder, e quem sabe, a partir da conclusão, observar a própria mente e suas crenças ocultas.

Espero que as mulheres descubram a beleza de existir como se é. Despertem para o fato de que ser vivo, basta, é tudo e é brilhante. Que ao olhar para dentro, diminuam o peso das pressões do mundo externo pois, aprendi nesse percurso, que a única preocupação que valhe a pena nessa vida é a de construir sua identidade verdadeira.

Quem é Ella?

o recorte de gênero

*“Não se nasce mulher:
torna-se mulher.¹”*

Simone de Beauvoir

A mulher e suas manifestações formam o fenômeno que é sujeito desta obra mas para explicar o recorte de gênero elegido é preciso compreender sua definição não de maneira restrita e biológica mas ampla e filosófica. Trata-se de um atributo construído continuamente na vida de algumas pessoas que podem ou não ter nascido como ser humano feminino.

Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo Sexo” narra o arquétipo do ser humano feminino construído em comparativo ao ser humano masculino, o homem, a quem chama de “o um”. Sendo a mulher, ao longo de sua vida, educada como “o outro”, características tidas como “não masculinas” se manifestam e se repetem, configurando os esteriótipos

1. BEAUVOIR, Simone de.

Segundo Sexo , vol.1

São Paulo: Nova Fronteira, 2019.
capa

a que somos subjulgadas. Somos doutrinadas a sorrir, a se fragilizar, a aguentar todo tipo de abuso em silêncio, a trabalhar por menos, a se responsabilizar majoritariamente pela criação dos filhos, somos julgadas de “sentimentais demais” ou até irracionais. O que se aprofunda na medida em que, quando uma mulher evidencia um caráter viril demais para ser aceito como feminino (na lógica patriarcal), ela não é legitimada como ser genuíno, e sim identificada como uma paródia do que seria um “verdadeiro homem”.

Assim, para Simone, a verdadeira mulher é um ser em constante construção, que suplanta as regras impostas

pelo machismo. Este trabalho não é sobre os “lugares comuns” em que identificamos “o segundo sexo”, mas sobre os momentos em que o transcendemos. Simone faz referência a Heidegger, Satre, Merleau-Ponty e diz que “o corpo não é uma coisa, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos”². Farejo essa mulher genuína que cada uma é no intuito de vir a ser. Compartilhamos de diversas situações, traumas, glórias, mas a cada uma cabe sua síntese, corpo e vivência. A captura das cenas aqui propostas, insinuam a continuidade do momento, o corpo para além do estático, esse rascunho do que foi e o que virá a ser.

2. BEAUVOIR, Simone de.

Segundo Sexo, vol.1

São Paulo: Nova Fronteira, 2019.

p. 62

*“Igual a muitas mulheres
antes e depois de mim,
passei minha vida como
uma criatura disfarçada.”²”*

Clarissa Pinkola Estés

O arquétipo da Mulher Selvagem nomeado por Clarissa Pinkola Estés, é fruto de um conjunto de histórias milenares sobre os conhecimentos necessários à alma feminina. Segundo a analista junguiana, em geral, a mulher moderna afastou-se de sua intuição, do contato com a natureza, da percepção sobre os ciclos da vida-morte-vida, levando suas capacidades inatas à beira da extinção.

2. ESTÉS, Clarissa Pinkola.

**Mulheres que Correm
com os Lobos.**

Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

p. 18.

3. O arquétipo da Mulher Selvagem refere-se a origem do feminino inato à todas as mulheres. Para além da alma, é todo instinto e conhecimento intrínseco a vida de uma mulher. Ele existe sendo observado ou não, é a semente por baixo de qualquer manifestação no mundo objetivo. Sendo assim, pode ser fortalecido conscientemente por qualquer mulher dentro de qualquer tempo ou circunstância.

Depressão, fadiga, insegurança e angústia são alguns dos numerosos sintomas da mulher domesticada que prejudicou sua relação com o aspecto genuíno, natural, ou selvagem de si mesma.

Diz ela³, que não importa em que nível de desamor uma mulher esteja, qualquer lugar é porta para reconexão com a Mulher Selvagem. Isso se prova na medida em que pensamos a mulher como fruto de outra, que é de outra, que é de outra... uma rede de antecessoras e futuras gerações. Todas

unidas pela necessidade de libertarem-se dos grilhões da civilidade .

Quando escavamos antigas narrativas e pensamos na rede de mulheres que formam o universo de pensamentos, características e realidades individuais, tornamos possível a imagem geral do que é esse misterioso ser. Nenhuma está sozinha, somos a soma de tantas diferenças e igualdades, sobrepomos nossas vozes para por fim revelar um único som: o uivo da mulher livre.

Pintor chamado "mente"

influências do budismo

1. Treinamento do grupo "Seigan dos Emergidos da Terra do Brasil da Nova Era" promovido pela SGI em agosto de 2017.

2. Soka é um termo budista e significa "criação de valor". Neste sentido, o desejo de tornar-me uma mulher que vive o presente, desfrutando de cada aspecto da vida, gerando significado para o que encontra e o que faz. Uma mulher consciente, sábia, alerta, vivendo por um propósito maior.

Em 2017, visitei o Japão em um treinamento budista¹. Na ocasião, eu refletia sobre meu propósito na vida e buscava realizar uma decisão capaz de nortear meu futuro. No dia 8 de agosto, realizei meu juramento em uma sagrada cerimônia; eu estava lá representando muitas outras jovens do Brasil, o que pulsava em meu coração. Decidi então, tornar-me uma verdadeira mulher Soka², e seguir minha vida com autenticidade. Ao retornar, busquei todo o significado naquilo que meu instinto bradava.

Foi quando reparei que as mulheres ao meu redor sofriam por coisas muito semelhantes, apesar de serem tão distintas. Observei transtornos da mente como depressão, ansiedade e pânico como fatos recorrentes, e mais: comuns as nossas antepassadas (embora outrora não houvesse vocabulário para defini-los). O trabalho começou como uma terapia através da arte, e foi formando-se em concomitância ao estudo do feminismo e da psicologia, já contextualizados aqui.

“A mente é como um pintor habilidoso que cria diversos formatos usando os cinco componentes. Portanto, em todos os fenômenos existentes, não há um único que não seja criação da mente. Fora dessa mente, não há fenômenos que existam”.³”

Buda

4. O conceito de carma no Budismo de Nichiren Daishonin explica que os eventos na vida de uma pessoa são efeito de seus pensamentos, palavras e ações passadas. Também elucidada que no instante presente, o ser humano reprograma seu carma futuro seguindo a mesma lógica.

5. QUE MARAVILHOSO ensinamento budista é este! **Jornal Brasil Seikyo**. São Paulo, 23 jan. 2016. Conheça o Budismo, p. C2

O budismo de Nichiren Daishonin elucidada que o ser humano é criador de seu universo. O próprio estado de Buda não refere-se a Shakyamunni, fundador da filosofia, mas uma condição interna a que nos cabe manifestar, e que permite enxergar o entorno com uma visão iluminada. Ao pensar na mente feminina, questiono que carma⁴ compartilhado está sendo gerado em cada causa. Não vemos o carma como um fardo a ser carregado, mas uma verdade que construímos para onde quisermos, a cada instante, por pensamentos, palavras e ações conscientes ou não.

O princípio da inseparabilidade entre a pessoa e o ambiente, diz que para onde vamos levamos esta condição interna capaz de ver positiva ou negativamente qualquer circunstância. Analogamente, se considerarmos o externo como um quadro, devemos ponderar que o pintor do quadro é a mente da pessoa que o assiste. Nesse intuito, ao refletir sobre como representar o ecossistema da mulher, retornei a *psiqué* que por suas causas individuais contribui diretamente para a formação do todo. Como incentiva o Dr. Ikeda: "Não é 'alguém', é você. Não é 'algum dia', é 'agora'"⁵.

Genuíno pictórico

proximação pelo afastamento



Nos primeiros esboços do trabalho, desenhei cabeças como planetas para representar a mente feminina como formadora de seu universo. Expressava aquilo que sentia e logo veio a necessidade de buscar referências além de minhas próprias particularidades, passei então a representar celebridades que me influenciavam, imaginando que assim traria um quadro mais verocímil a realidade de todas.

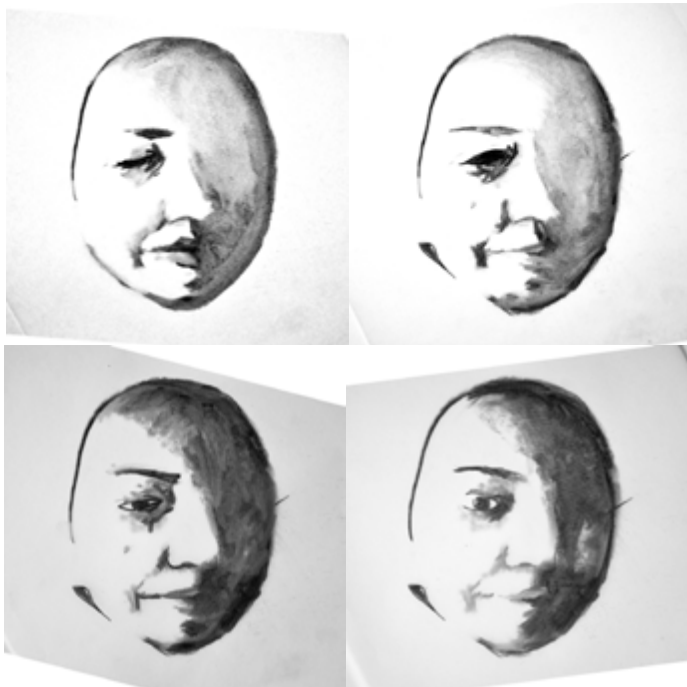
Depois de aproximadamente 20 esboços em grandes formatos e diferentes materiais, descobri que tais fotografias pouco diziam sobre as verdadeiras questões da mente ou sobre a história por detrás daquele ícone. Uma vez que diante do foco, consciente de ser observado, o *self* se apresenta mecanicamente treinado. Aquelas imagens não traduziam a sinceridade do ser.

Comecei a fotografar ou filmar instantes corridos de momentos aleatórios com as mulheres a minha volta. Familiares, amigas, amantes, colegas, desconhecidas por quem passei. O exercício de as observar, me fez perceber refinadas individualidades, posições quase invisíveis

no cotidiano. Com a câmera, registrei fugazes poses inusitadas pouco contempladas.

No entanto, os vídeos não bastavam. Quando capturamos a vida cotidiana na mais próxima realidade, preservamos no *frame* todo tipo de característica: ambiente, roupa, cor, luz... mas o contexto traz ruídos e preconceitos a liberdade do ser imerso sob tantos véus a quem eu buscava. Então, descasquei até os ossos: desprezando o fundo, o visagismo e qualquer acessório externo ao corpo, iniciei novos estudos que pela quantidade, tornaram-se sequenciais, levando a testes de animação e sobreposição.





Por fim, elegi o papel vegetal
como suporte apropriado e
reduzi as formas ao contraste
de luz e sombra, interpretando
a multidualidade do indivíduo.
Sobraram massas duvidosas,
nuanças da fisionomia,
sugestões de gestos - cabe ao
observador encara-las por si só.
Sem contexto, não é possível
julgar razões lógicas para uma
expressão ou movimento,
desmistificando o certo ou
errado, bem ou mal. Libertas de
tantas camadas, tornaram-se
finalmente elas mesmas.





Os arautos da psique

os pigmentos nigredo, rubedo e albedo

“Os cavaleiros de negro, de vermelho e de branco simbolizam as antigas cores associadas ao nascimento, à vida e à morte. Essas cores também representam velhas ideias de descida, morte e renascimento - o negro significando a dissolução de antigos valores; o vermelho, o sacrifício de ilusões mantidas anteriormente; e o branco, a nova luz, o novo conhecimento que deriva de ter vivenciado as duas primeiras cores.¹”

Clarissa Pinkola Estés

Em minha pesquisa, descobri que algumas cores tem grandes significados nos sonhos das mulheres. São como arautos da psique alertando o consciente para o que não somos capazes de entender. Acontece em todo mundo, em todos os tempos, com todas nós.

Iniciei trabalhando o preto sobre branco. As massas em breu que formam os rostos e corpos do ensaio representam o luto, a dor, a profundidade, o encerramento de um ciclo, a lama essencial para o início de algo novo. A Dra. Clarissa o descreve como “a promessa de que você logo irá saber algo que antes não sabia”². Toda mulher detém em si esse espaço fértil, se pudermos observá-lo e parece que ele é necessário para frescas revelações. O vermelho veio em seguida e instintivamente, o que não poderia ser diferente: a cor do sacrifício, do desejo, da fome e do sangue surgiu exatamente neste momento do processo. O vermelho é o abate que exige vida, “é uma promessa de que uma ascensão ou nascimento está para acontecer”³. As figuras passaram a vibrar sobre os pequenos recortes de papel vegetal.

Nos tempos medievais, preto era chamado nigredo; vermelho, rubedo; e branco, albedo. São essas as três cores mágicas presentes nas 16 mulheres representadas 16 vezes. 8 em preto, 8 em vermelho, todas sobre o branco definido como “uma promessa de que existe nutrição suficiente para que tudo comece de novo”⁴. Um dos grandes ensinamentos da Mulher Selvagem é ser capaz de dançar com os ciclos da vida-morte-vida. Usando o número 8 como representação do infinito, equilíbrio o eterno nigredo ao ilimitado rubedo, e confio que o branco (albedo) é sustento suficiente para todas mulheres e suas fases.



Expirar

o vazio como persona

A tela branca translúcida do suporte revela espaços livres entre as imagens elaboradas. No pensamento ocidental, valorizando produtividade e acúmulo de informação, o vazio é muitas vezes apontado como ausência do que tem importância. No entanto, a cultura oriental e artistas como Mira Schendel e Hayao Miyazaki, estudam e valorizam esse princípio não como ausência de mundo ou representação do não-ser, mas como um espaço tão necessário quanto os demais elementos que compõe a cena.

“Eu diria que a linha, na maioria das vezes, apenas estimula o vazio. Não estou certa que a palavra estimular esteja correta. Algo assim. De qualquer modo, o que importa na minha obra é o vazio, o vazio em atividade [...]. O vazio não é o símbolo vicário do não-ser.¹”

Mira Schendel

O “vazio em atividade” significa o vazio como propósito. Ali encontra-se a relação entre as coisas. O espaço colocado na imagem que justamente a permite crescer, manifestar-se, valorizar-se. Mira bem aponta que “vazio e linha, na verdade, são energias recíprocas e intercambiáveis, criando um ao outro”². Representa o próprio espaço de transformação onde as coisas acontecem, onde se criam, o processo entre duas etapas. Para assimilar uma ideia, é necessário “ma”³: o espaço e tempo negativo, o vazio. É esse elemento que permite inspirar e expirar toda a cena composta.

1. MARQUES, Maria Eduarda. **Mira Schendel**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001 p.29.

2. MARQUES, Maria Eduarda. **Mira Schendel**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001 p.8.

3. “Ma” é uma maneira de pensar difundido na cultura nipônica tanto para questões objetivas - como o espaço vazio entre dois biombos - como, de forma subjetiva: o tempo propício para algo acontecer.

“Nós temos uma palavra para isso em japonês. Chama-se ‘ma’. Vazio. Está lá intencionalmente. [bate palmas] O tempo entre minhas palmas é ‘ma’. Se você tiver uma ação sem parar sem espaço para respirar, é apenas ocupação. Mas se você demorar um pouco, então a tensão no filme pode crescer em uma dimensão mais ampla. Se você tiver tensão constante a 80 graus o tempo todo, você fica entorpecido.”⁴

Hayao Miyazaki

O vazio deve ser experienciado, explorado, observado. Deve ser levado com a mesma seriedade e concretude com que se lida com os demais elementos: respeitosamente. Aqui, ele performa um papel substancial.

4. EBERT, Roger. Hayao Miyazaki interview. **Ebert Digital LLC** Chicago, 12 set. 2002. Disponível em: <<https://www.rogerebert.com/interviews/hayao-miyazaki-interview>>. Acesso em: 26 mai. 2019.



Infinito presente translúcido

o suporte comunica

No início, usei os clássicos formatos 'A' como suporte, e os traços eram feitos em guache, mas aprofundando o questionamento, elegi o numeral 8 para definir os centímetros de base e altura de cada frame, bem como a quantidade de mulheres em preto e em vermelho. O que exigiu maior precisão na linha, que passei a fazer com canetas nanquim 0.4.

No oriente, números têm significados para além da matemática; a cerimônia de que participei no Japão, ocorreu em 8 de agosto (8/8) para representar a eternidade do juramento. Ao falarmos de psique, de vida, de gerações e de tempo, falamos de aspectos sem partida ou chegada, mas infinitos - seria preciso transmitir a sensação de imensurável também ao projeto em si.

Materiais opacos trazem certa concretude ao desenho, delimitam sua área, criam bordas, encerram em si a ideia apresentada. No entanto, o pensamento, o tempo ou a mulher são fluidos, imprevisíveis e contínuos. Tendo o suporte de uma imagem tanto valor quanto a mesma, o caráter translúcido foi essencial para expressão da mensagem. Assim, comecei a testar meus esboços em acetato, acrílico e vidro; mas a total passagem de luz tornava o traço preciso demais frente ao que desejei transmitir. O papel vegetal, bem como o tecido voil, foram assertivos por demonstrar somente as nuances e os borrões, da fragilidade registrada.

“Como a psique constitui um dado irracional, não podendo ser equiparada a uma razão mais ou menos divina, não é de estranhar-se que na experiência psicológica encontremos, com extrema freqüência, processos e vivências alheios à nossa expectativa racional e por isso mesmo rejeitados pela atitude racionalística da nossa consciência.”¹

Jorge Luis Borges

1. PÉREZ, Miguel Von Hafe. O PRESENTE da arte. **Porta 33** Ilha da Madeira, set. 2008. Disponível em: <http://www.porta33.com/exposicoes/content_exposicoes/paulo_brighenti/paulo_brighenti_apresentacao.html>. Acesso em: 15 fev. 2019.

2. QUE MARAVILHOSO ensinamento budista é este!. **Jornal Brasil Seikyo**. São Paulo, 23 jan. 2016. Conheça o Budismo, p. 2

Na perspectiva de Borges, consideramos o momento presente como a membrana que une passado e futuro, e que os três tempos coexistem em um mesmo ponto. Da mesma forma, Dr.Daisaku Ikeda diz que “o passado já se foi. O futuro ainda não chegou. Tudo o que existe é o momento presente”². A sobreposição de frames sequenciais pôde então

demonstrar a sobreposição do próprio tempo: o instante presente como fusão do todo, bem como a noção de que a vida da mulher é uma constante transformação e só existe no agora. Ela nunca está parada, e essa é a prova de que está viva. A translucidez do suporte tornou possível a representação da mutação do pensamento, do tempo e do ser.

Na mente, existe a parte justificada, escolhida, consciente e existe outra automática, irracional, inconsciente. Jung aponta que “Como a psique constitui um dado irracional, não podendo ser equiparada a uma razão mais ou menos divina, não é de estranhar-se que na experiência psicológica encontremos, com extrema frequência, processos e vivências alheios a nossa expectativa racional e por isso mesmo rejeitados pela atitude racionalística da nossa consciência.”³. A parte luminosa do suporte permite que se perceba a gradação do frame abaixo, mas nunca ele objetivamente. O acúmulo de imagens justapostas forma uma cena contínua de fragmentos que se anulam, e se somam. Transpõem então o que

chamamos lúcido, e assume, dando espaço e atenção, a não lucidez contida em cada instante.

Mira Schendel diria que o trabalho com o translúcido é sua tentativa para “mostrar que o reverso da transparência está diante de nós, e que ‘o outro mundo’ é esse mundo”⁴. De um lado e de outro, em um momento e no seguinte, um único mundo. Nem opaco, nem transparente, mas o translúcido parece deter o presente através dessa leve camada que se apresenta luminosa. Entre tantos pensamento por instante, cada frame é como o um que sobrepõe ao todo, quando unidos percebemos a profusão de imagens que demonstram a infinitude dessa entidade, essa mulher em construção.

3. JUNG, Carl G.

O eu e o Inconsciente.

Rio de Janeiro: Editora Vozes,
1971, p.7.

4. WAGNER, ANNE.

MIRA Schendel: Tate Modern
Gallery. **London Review of Books,**
vol. 35. Londres, out. 2013.

















Estudo Casal 2, jun. 2019



Estudo Uuka, mar. 2019

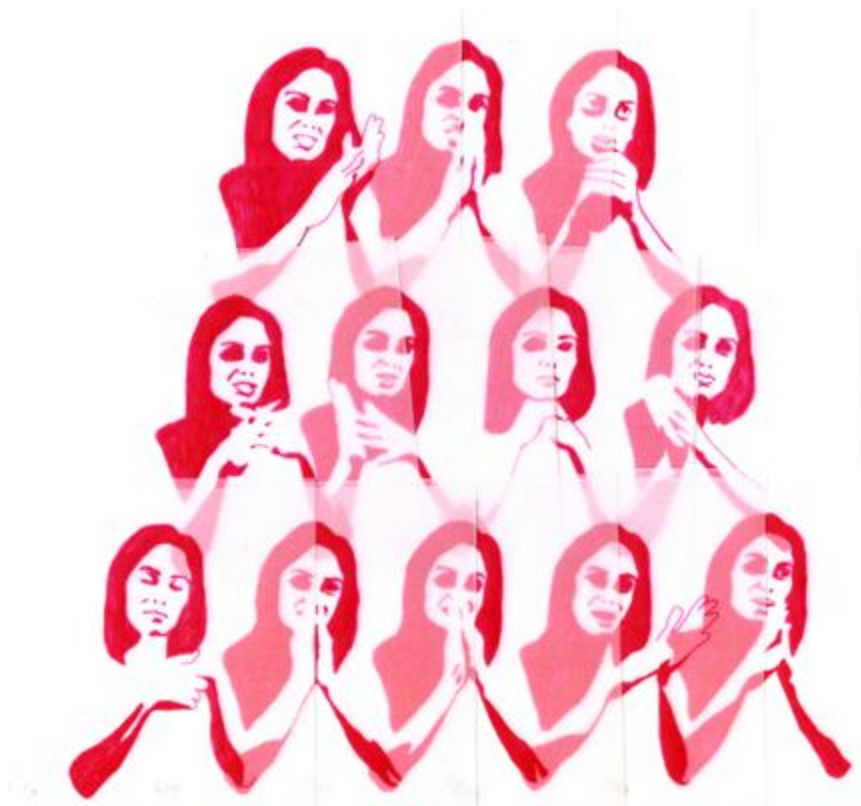




Estudo Isabela, mar. 2019









Estudo Márcia, jun. 2019



Uma é história a fragilidade quando só

Cada mulher tem sua própria história, e os encontros registrados são fragmentos dela. Gostaria de mostrar o valor de cada uma como uma jóia rara e inestimável, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade da mesma quando só, longe de sua rede de apoio.

Documentamos diferentes cenas: cantarolar de uma música, lembrar de uma ocasião engraçada, aninhar seu bebê, expôr um trauma, chorar copiosamente, arrumar os cabelos da namorada; tão distintas quanto seus penteados, cor de pele ou orientação sexual; encontrei jovens velhas e velhas jovens, a mulher trans, a filha, a mãe e a

só. Cada uma com sua vivência gravada na mente e no corpo.

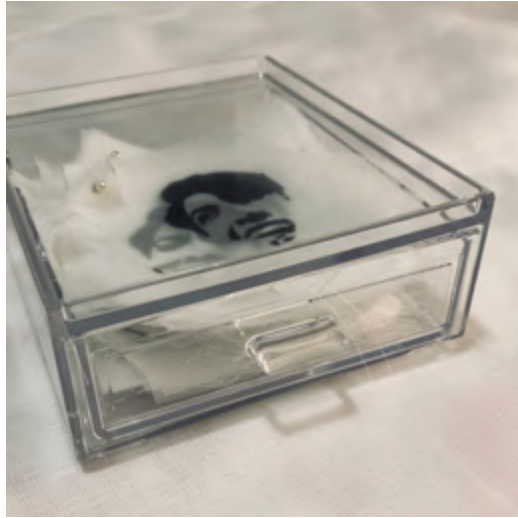
Os livros em *voil* trazem essas diferentes memórias que quando guardadas em baixo da cama, enterradas no fundo da mente, quando não ponderadas ou compartilhadas, tornam-se frágeis contos perdidos no meio da *psique*. Assim a mulher se entorpece, se enfraquece. Não empodera-se de seus próprios significados.

Guardei suas vivências em duas cavetas porta-jóias de acrílico. Uma para as 8 em vermelho, outra para as 8 em preto. Assim, as protejo. A precaridade do tecido escolhido, mostra que mesmo a mais significativa, pode desfiar quando só.



Quando se cuida de cada relato como um valioso tesouro, com máximo respeito a dignidade da vida, a mulher madura o que precisa para seguir. Então prendo as 16 frações de cada uma por um brinco de prata. Adereço muito usado pela classe, guardado em caixinhas de jóias, cada uma tendo o seu.

A prata e o ouro são igualmente metais nobres e difíceis de ser encontrados, no entanto, possuem dispares valor de mercado. Assim é a vida desigual das mulheres. Embora tão dignas e capazes quanto os homens, sempre vistas e sujeitas a seu menor valor agregado pela sociedade.



Ella Nigredo, jun. 2019

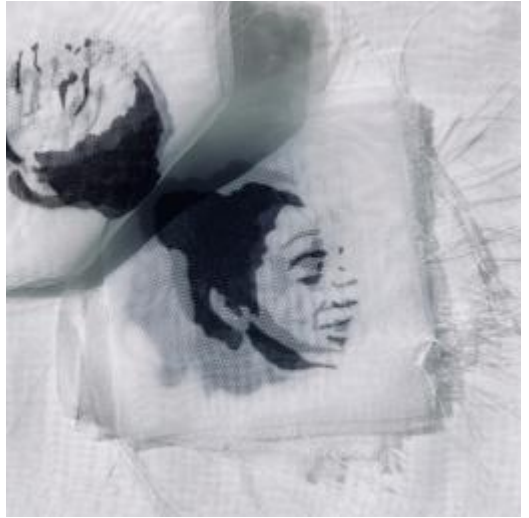








Bruna Nigredo, jun. 2019

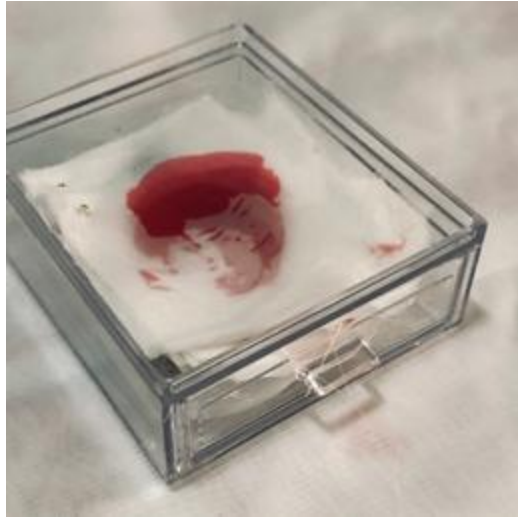


Isabela Nigredo, jun. 2019

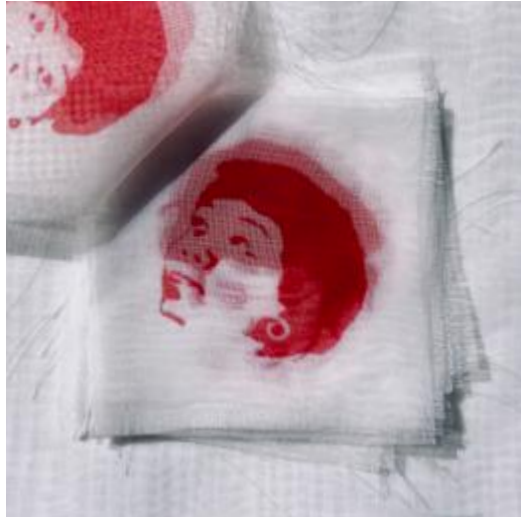








Ella Rubedo, jun. 2019



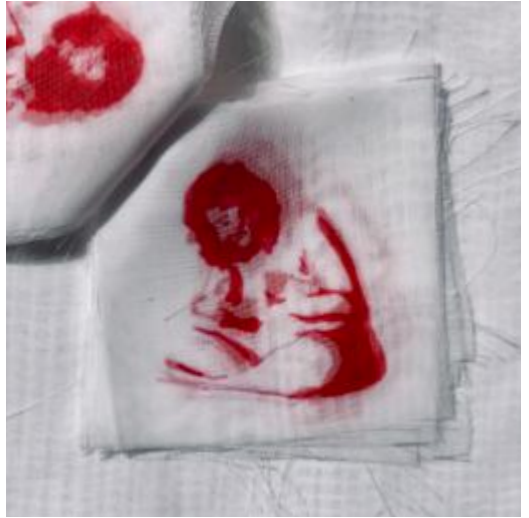
Bruna Rubedo, jun. 2019



Emanuele Rubedo, jun. 2019



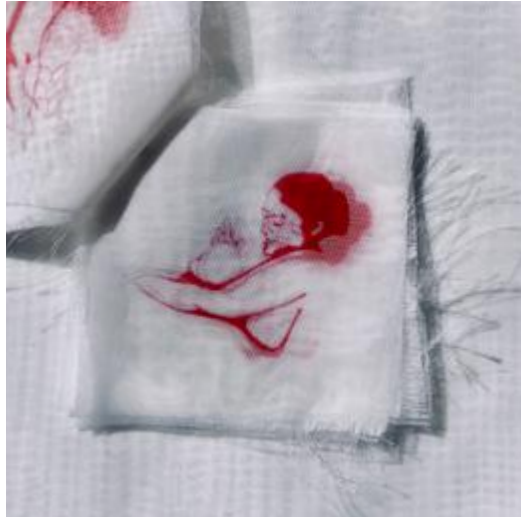
Karen Rubedo, jun. 2019



Ariane Rubedo, jun. 2019



Eduarda Rubedo, jun. 2019



Viviane Rubedo, jun. 2019





Teia cósmica

somando todas

Quando unidas então, se fortalecem. Ao considerar a mulher enquanto classe, ao pensar a própria vida como parte de algo maior, revigoramos nossas certezas, desmistificamos nossas inseguranças.

O quadro suspenso em acrílico representa o universo da diversidade unida. O cosmos da soma de diferentes energias que compoem o todo chamado "mulher". Cada frame tem seu papel, sua importância, seu lugar de fala, e aqui, a harmonia e o ritmo que se manifesta na profusão de imagens que se sobrepõe, que se modificam no encontro de uma com a outra, são o que imagino como quadro mais próximo da realidade.

É nas relações que se transforma, no espaço entre pessoas, em 'ma'. Não se pode descartar o tipo de influência que recebemos e que produzimos. Tudo está interligado. Entender a mulher enquanto fenômeno, é considerar o ser e suas conexões, todas necessárias, inseparáveis, para demonstração do que Ella é.

Aqui me despedi dos 256 frames em papel vegetal de 8x8cm que sobrepus a mais 32 frames de 16x16cm (dois para cada uma), somando 288 momentos de 16 mulheres que se uniram na nuance da mulher genuína.





Ella A1, jun. 2019





Ella A2, jun. 2019



Ella A2, jun. 2019



Ella B1, jun. 2019



Ella B1, jun. 2019







Considerações finais

Quando analisamos de perto a sequências de frames, imaginamos uma história, um tempo; logo uma se cruza com outra e outra: assim forma-se a teia do universo. No detalhe vemos uma desdobrada em várias, no conjunto vemos várias que formam uma só. Esse é o valor cultivado desde a semente à floresta do projeto.

Os mais de 500 desenhos produzidos ao longo do processo são registro de intensa transformação pessoal. De volta do Japão, em meio a desemprego, a falta de comida, a um sequestro relâmpago,

a abusos de todos os tipos, a tentativas de suicídio de companheiras, ao final de um casamento, a mudança para nova cidade, a entrega de meu apartamento, a distância de todos que amo: esta foi minha terapia pessoal. Meu diálogo com as partes mais íntimas de mim mesma.

No começo, um desabafo. Permitti-me compreender e desbravar meus sentimentos produzindo arte – descobri que a criatividade, quando cuidada, torna-se grande alimento para a alma. Observei minhas feridas cicatrizarem junto a cada nova

escolha no desenvolvimento. Aprendi a amar o processo mais do que ao objetivo final. A desapegar na vida e na imagem dos aspectos (outrora tão importantes) que precisam morrer para dar espaço a uma nova vida.

Depois, durante e cada vez mais, o desejo de me libertar nutriu a necessidade de fazer o mesmo pelas demais. Compreendi que para encontrar nossa matilha, é preciso uivar. Os econtros, estudos e partilhas com outras mulheres abriram meu coração e moldaram pouco a pouco a Gabriella de hoje.

A busca teórica gerou encontros para além dos livros “História do Design Gráfico”¹ e “Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil”². Encontrei em bibliotecas, vídeos e

conversas os trabalhos de Mira Schendel, Jessica Walsh, Judy Chicago, Layse Almada, Louise Bourgeois, Miriam Schapiro, Molly Crabapple, Carolee Schneemann, e outras que muito me incentivaram.

Ella é então minha homenagem e gratidão à toda Mulher Selvagem que, a sua maneira, busca a união da classe por perspectivas mais justas. Nomeei-a assim por perceber que ao julgarmos umas as outras, quebramos a corrente e enfraquecemos a classe. Passei a invocar toda empatia e sabedoria para abraçar aquela que não conheço ou que pensa diferente de mim – mais importante é a união. O isolamento por vergonha ou medo é tão destrutivo quanto comum na vida de meninas e senhoras.

1. MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009

2. MELLO, Chico Homem de Mello. **Linha do Tempo do Design Gráfico no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012



Os dois "L" representam o passado e o futuro que se fundem no presente, no único fonema pronunciado. É minha maneira de expressar que o silêncio mata e a voz transforma. Ella tem o nome do clã de confiança mais antigo em minha história: Gabriella, Isabella e Rafaella, minhas queridas irmãs.

Concluir o trabalho talvez tenha sido a parte mais difícil, pois como já dito, Ella não tem fim. Imagino uma instalação onde se possa observar a grande placa de acrílico onde todas se encontram em suas diferenças e similaridades, onde unidas mostram força. Abaixo dele, os livros em voil das narrativas individuais, tão frágeis quando só.

Penso em justapor frases de incentivo aos corpos representados. Em ilustrar situações de tensão comuns a tantas, contrapondo em camadas a performance da mulher genuína à oprimida.

Talvez desdobrar produtos que estimulem o autoconhecimento e o contato da mulher com a natureza inata, como mandalas lunar, *planners*, cartas de *tarot*, mapas de observação do céu, kits para celebração de solstícios e equinócios com sementes, chás, cangas e incensos.

Adoraria pintar-las em grandes janelas de vidro e observá-las unidas quando sobrepondo-se.

Desejo que ao olhar para Ella, o observador, perceba que ela está viva. O que pensa? O que está fazendo? Qual sentimento manifesta? Ela viceja, ela movimenta, ela nunca está parada. Ella é de um jeito e também de outro, nela mesmo paradoxos são complementares, porque apesar do que possam dizer, ela é o que é. Ella pensa, existe, cria. Ella é a autora de todas as manifestações da realidade, ela é a protagonista do próprio carma. Ella sou eu e você, Ella somos nós.



Referências bibliográficas

Livros

BEAUVOIR, Simone de. **Segundo Sexo, vol.1** São Paulo: Nova Fronteira, 2019.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que Correm com os Lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

MARQUES, Maria Eduarda. **Mira Schendel.** São Paulo: Cosac & Naify, 2001

IKEDA, Daisaku. **Preleção dos Capítulos Hoben e Juryo.** São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2001

Periódicos

Jornal Brasil Seikyo. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2019.

Links

Ebert Digital LLC. Disponível em: <www.rogerebert.com>. Acesso em: 26 mai. 2019.

Porta 33. Disponível em: <<http://www.porta33.com>>. Acesso em: 15 fev. 2019.